

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

GABRIELLE TOCACELLI

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UM PROBLEMA OCORRENTE NA EDUCAÇÃO?

Alfenas/MG
2018

GABRIELLE TOCACELLI

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UM PROBLEMA OCORRENTE NA EDUCAÇÃO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Letras-Português junto
à Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-
MG)

Orientador: Prof. Dr. Celso Ferrarezi Jr.

Alfenas/MG

2018
GABRIELLE TOCACELLI

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UM PROBLEMA OCORRENTE NA EDUCAÇÃO?

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova a Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Letras-Português da Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em: _____

Profº.Dr. Celso Ferrarezi Jr.

Instituição: Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

Assinatura:

Profº.Dr. Robson Santos de Carvalho

Instituição: Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

Assinatura:

Profª. Drª. Flaviane Faria Carvalho

Instituição: Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

Assinatura:

A Deus, que sempre esteve à frente de todas as batalhas da minha vida e não deixou que a fraqueza me desanimasse

.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado esperança para confortar meu espírito e me confiado sabedoria para resolver os problemas sempre que eles pareciam ser grandes demais.

Aos meus pais, que sentiram a dor da minha partida, mas respeitaram a minha escolha e me apoiaram em todos os momentos, mesmo a saudade apertando no coração.

Aos mestres, que ainda acreditam na educação como salvadora e souberam, com dedicação, me formar como um instrumento transformador.

Aos amigos que fizeram a mudança ser um pouco mais leve, os trabalhos mais alegres e os sorrisos mais sinceros.

De forma especial, a todos aqueles que participaram efetivamente da produção e concretização desse trabalho, meus alunos, coordenadores da instituição e meu orientador.

É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito.

(BAGNO, 2013)

RESUMO

O trabalho apresentado propõe algumas reflexões sobre preconceito linguístico, sua definição e caracterização em ações cotidianas que criam e reforçam suas práticas, além de apresentar uma análise social de um ambiente de educação não-formal em atividades desenvolvidas com a intenção de diagnosticar e neutralizar realidades preconceituosas. O conteúdo dessa monografia está organizado em três seções. A primeira busca explicar o que entendemos como preconceito linguístico e quais são os principais aspectos influentes que ocasionam e mantêm essa prática. A segunda seção, caracteriza ações cotidianas que tornam o ato preconceituoso real no dia a dia das pessoas por meios diversos. A última seção apresenta os motivos que levaram à elaboração desse trabalho e contextualiza o ambiente em que foi desenvolvida a pesquisa. Consta também uma análise de práticas cotidianas de crianças em ambiente de ensino não-obrigatório, relatos de vivências, e os resultados de uma intervenção contra a prática de preconceito linguístico.

Palavras-chave: Educação Não-Formal; Práticas Cotidianas; Preconceito Linguístico;

ABSTRACT

The work presented comes up with some thoughts about linguistic prejudice, its definition and characterization in daily actions that make up and reinforce their practices, besides presenting a social analyze of a non-compulsory education environment in activities developed with the intention of diagnosing and neutralizing prejudiced realia. The content of this monography is organized in three sections. The first one tries to explain what is understood as linguistic prejudice and which are the main influent aspects that cause and maintain the linguistic prejudice. The second section characterizes everyday actions that make the actual prejudicial act in day-to-day of people by diverse means. The last section presents the reasons that led to the execution of this work and contextualizes the environment that this research was developed. It also includes an analysis of daily practices of children in a non-compulsory education environment, experiences reports, and the results of an intervention against the practice of linguistic prejudice.

Keywords: Informal Education; Linguistic Prejudice; Daily Practice

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. NORMA CULTA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO	11
3. PRECONCEITO LÍNGÜÍSTICO EM PRÁTICAS COTIDIANAS	14
4. UMA ANÁLISE SOCIAL DE UMA REALIDADE EDUCACIONAL NÃO OBRIGATÓRIA.....	16
4.1 A PESQUISA - CONCEITO E METODOLOGIA.....	18
4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	20
4.3 INTERVENÇÕES QUE DECORRERAM DA PESQUISA	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
7. ANEXOS	29

1. INTRODUÇÃO

A língua é a mais importante forma de comunicação social, um sistema para que todos possam aprender, utilizar e construir sua história. Assim, a língua faz parte do que somos, das nossas origens, da nossa identidade. Segundo Ferrarezi Jr. (2012, p.18) “quando a gente entende que a língua faz parte da nossa vida, começa a entender também porque fala como fala. Começa a entender a beleza da construção da língua em nós e por nós ao longo da nossa própria história”.

As instituições escolares, família, região geográfica, condição social são variáveis que modificam a língua e isso acaba sendo um problema para muitos que não entendem por que existem diferenças entre os falares, de acordo com Bagno (2010), e é nesse contexto que surge o preconceito linguístico. Por existirem diferenças nas falas, será comum que existam pessoas que digam: “o meu jeito é o certo e o seu é errado”, “olha como você fala estranho”, “isso não existe”, enaltecendo a sua variedade linguística, sem levar em consideração nenhuma das características que cercam o outro falante. O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca do que é preconceito linguístico e em quais níveis ele é socialmente praticado. Se propõe a apresentar as bases que sustentam esse tipo de prática que, mesmo depois de anos de evolução econômica e social, continua seguindo como uma das práticas mais frequentes de preconceito, mascarada por meios educacionais e de comunicação em prol da busca da “língua perfeita”. E questiona se esse é um problema ocorrente na educação.

O trabalho conta com a análise de um ambiente de educação não-formal de um projeto social que envolve o número de 100 crianças de sete a doze anos, desenvolvido em Alfenas, MG. Nessa parte, é relatado como os participantes desse projeto entendem a língua que falam, como lidam com as diferenças linguísticas com as quais têm contato e quais meios mais os influenciam.

Para melhor compreensão, o conteúdo está dividido em três seções.

A primeira parte busca explicar o que entendemos como preconceito linguístico e quais são os aspectos influentes que ocasionam e mantêm essa prática.

A segunda parte caracteriza ações cotidianas que tornam o ato preconceituoso real no dia a dia das pessoas por meio de atos políticos, televisivos e educacionais.

A terceira parte apresenta os motivos que levaram à elaboração desse trabalho e contextualiza o ambiente em que foi desenvolvida a pesquisa. Consta também uma análise de práticas cotidianas de crianças em ambiente de ensino não obrigatório, relatos de vivências, e os resultados de uma intervenção contra a prática de preconceito linguístico.

2. NORMA CULTA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A norma culta¹ concebe a língua como algo homogêneo, invariável e imutável. Essa é a base para o tipo de preconceito que levantaremos aqui: o preconceito linguístico. Segundo Marcos Bagno (2013), esse tipo de preconceito nasce da ideia de que há uma única língua portuguesa correta, que é a ensinada nas escolas, está presente nos livros, dicionários e baseia-se na gramática normativa. O diferente disso acaba se tornando erro e alvo de discriminação, apontamentos, silenciamentos e segregação. O principal motivo de existência das linguagens é social, para gerar comunicação e não excluir falantes por pertencerem a grupos de identidades linguísticas diferentes.

A insistente tentativa de construção de uma “norma padrão”, de um modelo idealizado, que não abrange os processos de variação e mudança, cria uma barreira para o desenvolvimento da língua e dos seus falantes, que se apropriam naturalmente da língua para se expressar.

A língua padrão faz parte de um sistema de comunicação que não consegue alcançar toda população, não leva em conta a variante do falante, nem os referenciais do discurso. Ter a norma culta como padrão é uma questão determinada pela tradição cultural de um grupo de poder. De acordo com essa ideologia, a variedade não vale nem dentro da comunidade em que é praticada; a ela se sobressai aquela que foi adotada como padrão de registo, e todos devem se valer dessa em qualquer situação.

Na “Gramática Ilustrada”, 1979, de Hildebrando A. de André, no capítulo 2, “A Norma Culta – A Gramática”, o autor defende a existência de uma linguagem padrão nacional, “utilizada por todos que buscam instrução e que, pelo aprimoramento cultural, necessitam expressar-se com mais clareza e precisão de modo mais

¹Os termos “Norma Culta” e “Norma Padrão” são usados como sinônimos em todo o trabalho.

variado e fluente” (1979, p.12), e essa é disseminada pelos veículos oficiais de educação e comunicação, sendo chamada de norma culta. De acordo com o autor, esse é o ponto de convergência de todos os usos da língua e por isso deve ser preservada.

Cintra e Cunha (1985), citam, no prefácio da segunda edição da “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, que as características da obra estão pautadas na forma culta da Língua utilizada por autores portugueses, brasileiros e africanos do período Romântico até a data de sua criação.

Porém, o que garante que todos usem da mesma linguagem? Ou que o uso da vertente de escritores clássicos, ou até mesmo modernos, para a definição de língua culta, seja a correta e admitida como norma padrão? Essa prática de ter a escrita literária como base para a gramática é tão antiga quanto a origem da escrita na Grécia.

Bagno comenta sobre essa veneração da escrita passada e como ela é precursora para atos de preconceito linguístico:

Ao se interessar exclusivamente pela língua dos grandes escritores do passado, ao desprezar completamente a língua falada (considerada “caótica”, “ilógica”, “estropiada”), e também ao classificar a mudança da língua ao longo do tempo de “ruína” ou “decadência”, os fundadores da disciplina gramatical cometeram um equívoco que poderíamos chamar de “pecado original” dos estudos tradicionais sobre a língua. Foram eles e seus seguidores, de fato, que plantaram as sementes do preconceito linguístico, que iam dar tantos e tão amargos frutos ao longo dos séculos seguintes. Foram eles que sacralizaram na cultura ocidental o mito de que existe “erro” na língua, principalmente na língua falada. Por isso, até hoje, as pessoas julgam a língua falada usando como instrumento de medição a língua escrita literária mais consagrada: qualquer regra linguística que não esteja presente na grande literatura (e como são numerosas essas regras!) é imediatamente tachada de “erro”. (BAGNO, 2012, p.22)

A “Nova Gramática do Português Contemporâneo” apresenta a ideia de erro comparando-a a níveis sociais de comportamento, que, de acordo com os autores Cintra e Cunha, é regulado por normas que devem ser obedecidas. Assim, também acontece na gramática: existem normas que definem um modelo correto e, quando ocorre qualquer desvio, as expressões linguísticas que fogem aos padrões coercitivos e pré-determinados não correspondem às expectativas sociais e tem-se casos de “erros”.

Um pouco mais adiante, Cintra e Cunha afirmam sobre a existência de vários sistemas que regem a língua e a veracidade da sua dinamicidade. O modo de “fazer

a língua”, que é o termo usado pelos autores, pode admitir várias normas e escolhas e possibilidades. Mas, a norma que corresponde a um sistema consagrado socioculturalmente nas comunidades falantes do português deve ser tida como “correta”.

Cintra e Cunha usam das palavras de Antenor Nascentes para definir os traços diferenciais e ainda concordar com uma divisão dialetal dos falares regionais. Os classificam em apenas dois grupos de “subfalares”, dois no Norte: o amazônico e o nordestino e quatro no Sul: o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista.

O que diferencia os traços dessas macrorregiões não são suas características sociais e culturais, mas a fonética e a cadência do falar de cada uma das regiões.

- a) a abertura das vogais pretônicas nos dialetos do Norte, em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios em –mente: pègar por pegar, còrrer por correr;
- b) o que ele chama um tanto impressionisticamente de “cadência” da fala: fala “cantada” no Norte, fala “descansada” no Sul. (CINTRA E CUNHA, 1985, p.21)

Consideram, por fim, essas ocorrências “condições peculiares da formação linguística do Brasil”. (CINTRA E CUNHA 1985, p.23).



Figura 1 (CINTRA E CUNHA 1985, p. 20)

Há de se considerar que, além de a divisão proposta por Antenor Nascentes ser amadora, ingênua e preconceituosa, são justamente nessas condições peculiares de expressão heterogênea que surgem as formas variantes, consideradas como “erro”, o que somente é explicado por não condizer com o que foi unilateralmente padronizado. Bagno afirma, em seu livro “Nada na língua é por acaso” (2009), que o erro não se explica por nenhum fenômeno comprovado, logo, não deriva de leis naturais, mas é uma imposição de valores nas relações sociais de poder.

3. PRECONCEITO LÍNGÜÍSTICO EM PRÁTICAS COTIDIANAS

A prática de preconceito linguístico é comum no nosso dia a dia em diversas instâncias: nas ruas, na televisão, nas piadas sobre nordestinos e outros falantes com um falar estigmatizado, na comparação da nossa língua com o português de Portugal e, mais ainda, nas instituições de ensino, que corrigem as falas dos alunos para falarem “certo”, obedecendo as regras, e, por isso, tentam implantar a gramática como algo a ser estritamente seguido – como se isso fosse possível.

[...] Não é a gramática normativa que vai “garantir a existência de um padrão linguístico uniforme”. Esse padrão linguístico (que pode chegar a certo grau de uniformidade, mas nunca será totalmente uniforme, pois é usado por seres humanos que nunca hão de ser criaturas física, psicológica e socialmente idênticas), [...] existe na sociedade, independentemente de haver ou não livros que o descrevam. (BAGNO, 2013. p.66)

Quantas vezes, sentada em mesas de professores, de diversas escolas, eu ouvi outros professores comentando de forma pejorativa sobre seus alunos, até sobre outros colegas de trabalho, pelo modo que falam, por usarem uma variedade regional. Muitas vezes sob a desculpa de estarem preocupados com o desenvolvimento e o aprendizado do indivíduo.

Incansavelmente vemos práticas de preconceito linguísticos em meios de comunicação, rádios, jornais e principalmente em canais televisivos, que criam e disseminam estereótipos, que levam a população a acreditar nesse senso comum, e sem compreender, assumem essa distorção da própria identidade.

O poder de persuasão da mídia é inegável. Grande parte da população é influenciada pelo discurso que lhes é apresentado, pelas informações que são repetidas vezes transmitidas, pela satirização da personagem nordestina pensada em “agradar” o público, pela emoção que comunica e condiciona com suas concepções ideológicas. De acordo com Junqueira e Almeida (2012) “o preconceito linguístico vai sendo inserido na sociedade de forma subentendida, acomodada e, até deflagrada e o indivíduo não faz uso de seu poder crítico para uma análise reflexiva [...] então a comunidade, aceita o que lhe é imposto e transmite, sem perceber, atitudes intolerantes”.

Nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), dos documentos oficiais que regem a educação brasileira, podemos analisar a proposta, de forma sutil, da necessidade de usar a variedade linguística padrão adequada. O termo aparece 3 vezes no documento:

O ensino de Língua Portuguesa orientado pela perspectiva gramatical ainda parecia adequado, dado que os alunos que frequentavam a escola falavam uma variedade linguística bastante próxima da chamada variedade padrão e traziam representações de mundo e de língua semelhantes às que ofereciam livros e textos didáticos. (BRASIL, 1998, PCN, p.17)

No processo de produção de textos orais, espera-se que o aluno: [...] considere os papéis assumidos pelos participantes, ajustando o texto à variedade linguística adequada; (BRASIL, 1998, PCN p. 51)

Nesse processo, espera-se que sejam considerados os seguintes aspectos: as especificidades do gênero, os papéis assumidos pelos interlocutores na situação comunicativa, possíveis efeitos de sentido produzidos por elementos não-verbais, a utilização da variedade linguística adequada. (BRASIL, 1998, PCN, p.97)

Essa necessidade de usar a variedade padrão adequada ou a variedade linguística mais próxima da variedade padrão perpassa o papel. A escola também compõe o grupo de lugares discriminatórios. Muitas vezes ouvi de antigos e atuais professores que seus alunos não sabiam falar português, que eles escreviam tudo errado, não respeitavam a gramática. Quando não iam além e criticavam a maneira de ensinar dos professores dos anos passados já que foram eles que permitiram que os alunos chegassem ao ano que chegaram sem saber gramática.

O ensino nas salas de aulas, salvo algumas exceções, é majoritariamente pautado no ensino de gramática. Não é desenvolvido no aluno sua percepção crítica, suas habilidades de fala, escuta, leitura e escrita. A interpretação e

associação de informação são aspectos minimamente pensados e praticados. “No ensino de língua praticado nas escolas, porém, as especificidades do português brasileiro são pouco ou mal reconhecidas e, no mais das vezes, quando mencionadas, se destinam a condenar os supostos “erros” cometidos pelos brasileiros ao falar/escrever”. (Bagno e Rangel 2005). A aprendizagem deixou de ser vista como um processo construtivo de várias bases, em que o conhecimento passa por diversas instâncias, para se fixar no normativismo da gramática.

Diferente do ensino formal, que acontece no ambiente escolar e segue um conteúdo sistematizado e uma relação de ensino-aprendizagem com um professor, na educação não-formal, os contatos entre os participantes do processo são mais amplos, com interações sociais menos coercitivas e que geram um aprendizado individual muito menos impositivo. Esse processo não conta legalmente com um processo obrigatório e sistematizado. Porém, mesmo em meio a tanta liberdade, nesse ambiente de educação sem restrições, percebemos que o preconceito também é culturalmente carregado. E, é nele que pretendemos estudar tal prática.

4. UMA ANÁLISE SOCIAL DE UMA REALIDADE EDUCACIONAL NÃO OBRIGATÓRIA

Estamos rodeados por diversos tipos de preconceito: raciais, étnicos, culturais, linguísticos, que passam despercebidos socialmente. Ambientes em que muitas pessoas coexistem por muito tempo são propícios para a manifestação do preconceito linguístico. Isso ocorre em ambientes educacionais, inclusive os não-formais, e não paramos para perceber o quão preconceituosos podemos ser quanto à língua que o outro fala. De acordo com Bagno (2013, p.23), “o preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele [...]”.

O Brasil é grande territorialmente e, muitas vezes, o conhecimento da dimensão do país acaba nesse aspecto, acreditando que o português é homogêneo em toda a sua extensão, o que realmente não acontece. Cada região carrega suas características linguísticas que são variáveis e instáveis. Regiões que muitas vezes não são compreendidas e acabam sendo pressionadas a seguir o modelo escolhido

como certo e padronizado. Segundo Ferrarezi Jr. (2012), a prática do preconceito linguístico é altamente danosa aos cidadãos e à sociedade como um todo: ela causa silenciamento e segregação. Em ambientes educacionais, ela é especialmente prejudicial e pode, inclusive, causar evasão de alunos.

Vale ressaltar que o interesse em estudar os aspectos do preconceito linguístico, como ele atua, quais problemas o envolvem e, principalmente, como ajudar a reduzir essa prática social nefasta, surgiu no desenvolver de oficinas de português, no projeto “Educação em Ação”.

Esse projeto destina-se ao atendimento de um total de cem crianças e adolescentes de 7 a 12 anos de idade, no município de Alfenas, MG, em situação de risco social e baixo desempenho escolar. Com práticas voltadas ao apoio escolar e atuando no contra turno da escola, visa a integrar crianças e adolescentes em um ambiente de troca de conhecimento e aprendizagem. Por meio de processos, cada um em particular, em inter-relação com a coletividade e mediado por um monitor, incorpora e produz o próprio mundo e o exterior, de modo a desenvolver os aspectos físicos, cognitivos e sócio-histórico-culturais, por meio do oferecimento e fomento de atividades complementares à educação escolar, tais como: apoio pedagógico em Língua Portuguesa e Matemática, atividades físicas, educação ambiental, língua estrangeira (espanhol), música, acesso a informática, xadrez e atividades recreativas, numa carga horária não superior a 4 (quatro) horas, de 2 (dois) a 3 (três) dias por semana.

As atividades complementares oferecidas pelo projeto são divididas em oficinas de uma hora cada e mediadas por um monitor, um licenciando da área, ainda sem conclusão da graduação. As crianças que compõem o projeto não são vistas como alunos a serem educados, mas como participantes do processo educacional, no qual podem opinar, e ajudar a propor as atividades.

“Educação em Ação” é um dos projetos que integram o “Programa Educação em Ação”, sem apoio governamental e totalmente financiado pela empresa cafeeira Ipanema Coffee, que visa implementar ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida dos beneficiários e da comunidade em geral, tendo como enfoque principal a Educação para a vida.

Durante a realização de uma atividade lúdica, dois participantes conversavam sobre uma das questões propostas no jogo. Um dos participantes falou sobre a atividade que outro colega estava realizando:

-“Mais *cê num* pode fazer assim! ”.

Diante disso, outro participante comentou:

-“Você *tá* falando errado. Não é assim que se fala! ”.

Depois desse comentário, o primeiro participante que havia comentado a atividade retrucou com a resposta

-“Eu *sô* da roça, falo errado *memo*, num *tô* nem aí!”.

Nesse momento, houve uma intervenção para que a discussão não virasse uma briga maior e uma conversa sobre a fala característica de cada um.

Outras situações que chamaram a atenção, ocorreram com a troca da supervisora, que ficava todos os dias na instituição. O que mais causou estranheza aos participantes do projeto, não foi a presença de uma pessoa nova, mas o seu sotaque carioca. O “s”² puxado com som de “x”, logo causou conversinha de corredor e imitações debochadas. Esses fatos, até então, não tinham nome, nem solução. Várias conversas foram realizadas, levando em conta a necessidade do respeito pelo outro, mas nada mais profundo e teórico. Essa situação se tornou um incômodo pessoal, e algo precisava ser feito, para compreender essas práticas e minimizá-las.. De acordo com Bagno:

A variação linguística é um tema muito interessante em si mesma, como fenômeno linguístico capaz de explicar muitas coisas sobre a natureza das línguas humanas, seu funcionamento, e mais especialmente sobre os processos de mudanças linguísticas.

Mas existe um outro lado da variação linguística que [...] é mais relevante para a educação em língua materna do que o lado propriamente científico do fenômeno. É o conjunto de consequências sociais, culturais, ideológicas que a variação linguística faz surgir em qualquer comunidade. (BAGNO, 2009. p.59)

4.1 A PESQUISA - CONCEITO E METODOLOGIA

Após a ocorrência de diversos fatos que caracterizavam preconceito linguístico, percebemos a necessidade de realizar uma pesquisa mais consistente sobre essa

²Caso de variedade fonética do dialeto carioca em que há ocorrência de fricativa alveopalatal do “s” ortográfico.

ocorrências. Aproveitando a necessidade de produzir o Trabalho de Conclusão de Curso para finalização acadêmica, foi elaborado um projeto de pesquisa que foi autorizado pela instituição e, posteriormente, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Alfenas, recebendo o CAAE de número 65683717.4.0000.5142.

O projeto foi desenvolvido com base na metodologia de pesquisa de campo, com 100 participantes, tendo o consentimento destes e de seus responsáveis, tanto do turno matutino, quanto vespertino. Com a autorização também do diretor e coordenadores responsáveis pelo projeto, sem causar nenhuma interferência nas atividades diárias da instituição.

Depois de tudo consentido e autorizado, o primeiro passo foi identificar o referencial teórico que seria utilizado, em quais autores fundamentaria a pesquisa e buscaria ajuda para realizar a análise. O segundo passo foi uma observação informal de conversas das crianças da instituição durante suas atividades diárias.

Depois da observação, o terceiro passo foi elaborar e aplicar a atividade para coleta e análise de dados.

Os participantes das oficinas foram questionados, em uma determinada situação, se entendiam a gravidade do tipo de julgamento que faziam sobre as falas de outras pessoas. Para gerar dados profundos e poder iniciar uma intervenção, as crianças responderam a um questionário de 6 perguntas. Em nenhum momento foi citado o termo preconceito linguístico para elas. Até então, a atividade era pelo “bullying” (nome que atribuíram às suas atitudes) que praticavam com alguns colegas.

Obtivemos dados significativos em que muitos já haviam presenciado outras práticas de preconceito fora da instituição. Perguntamos se já tinham percebido diferenças nos sotaques das pessoas, palavras que não estavam acostumados a ouvir e se podiam citar exemplos de pessoas ou lugares em que já tinham ouvido algum tipo de fala diferente.

Depois, perguntamos sobre as atitudes que a maioria das pessoas tinham em casos de diálogo, em que os participantes da situação não pertenciam a mesma região, e tinham sotaques e palavras diferentes. E como eles mesmos agiam frente a tais situações. Em todas as situações podemos notar a presença de resultados que indicam práticas de preconceito linguístico.

Finalizamos o projeto de pesquisa com atividades de intervenções na tentativa de solucionar o problema.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Foi desenvolvido um questionário partindo de perguntas reflexivas sobre o dia a dia de cada um dos participantes do projeto e as respostas permitiam que eles analisassem mais do que apenas as relações que estabeleciam dentro da instituição: eles tiveram que pensar em todas as instâncias e relações sociais que mantinham em casa, na escola, na rua e no projeto.

Todas as respostas foram analisadas e representadas de forma quantitativa para poder gerar comparações entre os dados coletados. A segunda parte da pesquisa tem os resultados apresentados de forma qualitativa, obtidos por meio das demais atividades realizadas.

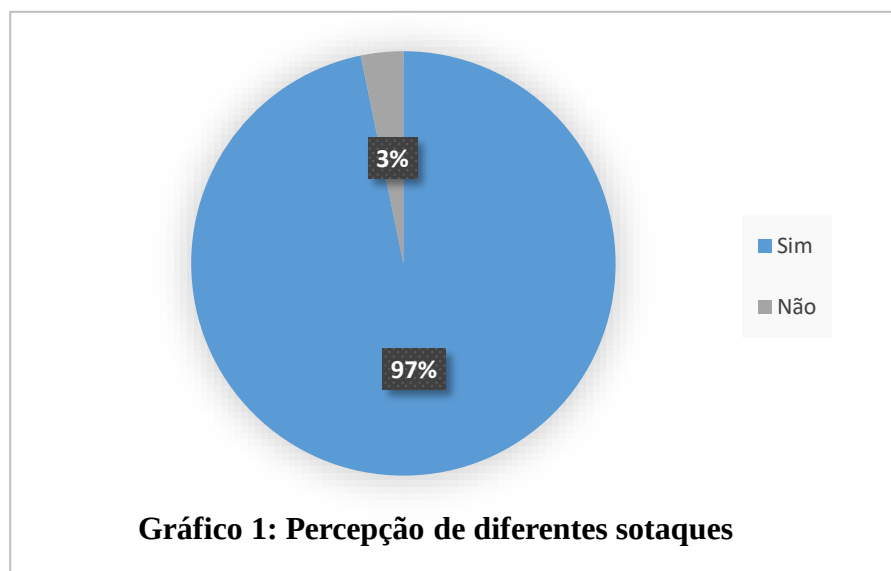
Os gráficos 1 e 2, a seguir, respondem a primeira e a segunda pergunta que havia na folha de entrevista:

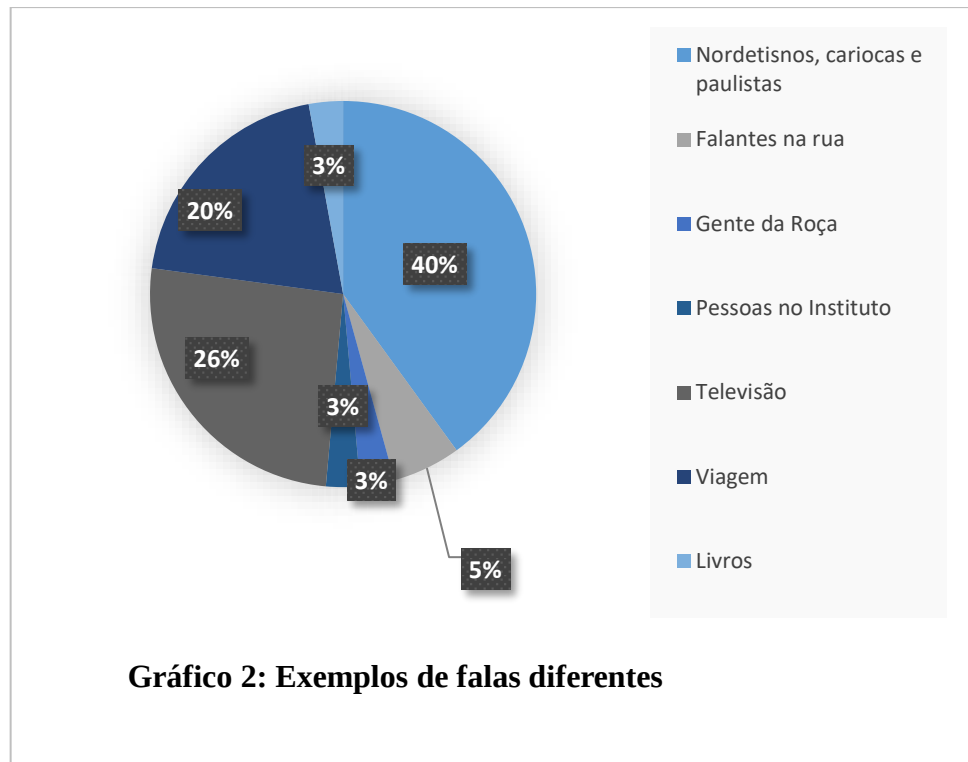
1 - Você já percebeu que as pessoas falam de maneiras diferentes, usando palavras e sotaques diferentes para falar?

2 - Poderia dar exemplos desses falares diferentes?

Por meio dessa pergunta, refletiríamos sobre a percepção de características particulares da fala de cada um. Abaixo podemos observar as respostas positivas dadas pelas crianças.

As respostas foram dadas sem o auxílio de alternativas, todas as opções foram agrupamentos que elas próprias fizeram.





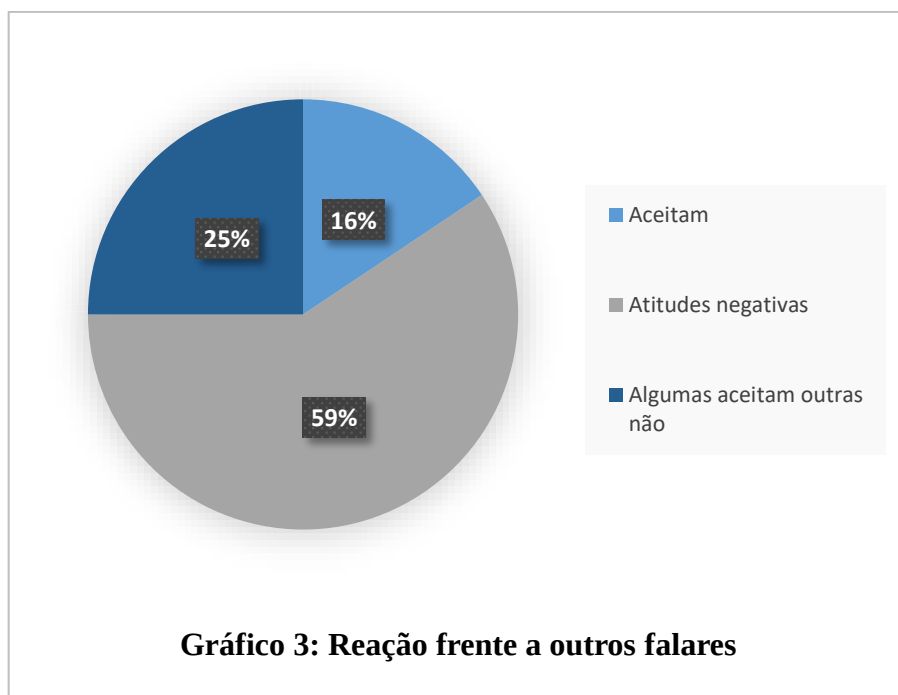
Por meio dessas respostas, pudemos observar a compreensão da existência de variedades linguísticas e em quais situações elas acontecem ao seu redor. Mesmo sem um rótulo teórico, a variação linguística estava muito próxima da realidade de cada um dos participantes. Eles puderam relatar que percebiam os sotaques por já os terem vivenciado.

As respostas às perguntas:

3 - Você acha que as pessoas aceitam as maneiras diferentes dos outros falarem ou têm atitudes negativas?

4 - Você já viu alguma pessoa receber gozação ou humilhação porque falou diferente de outras pessoas?

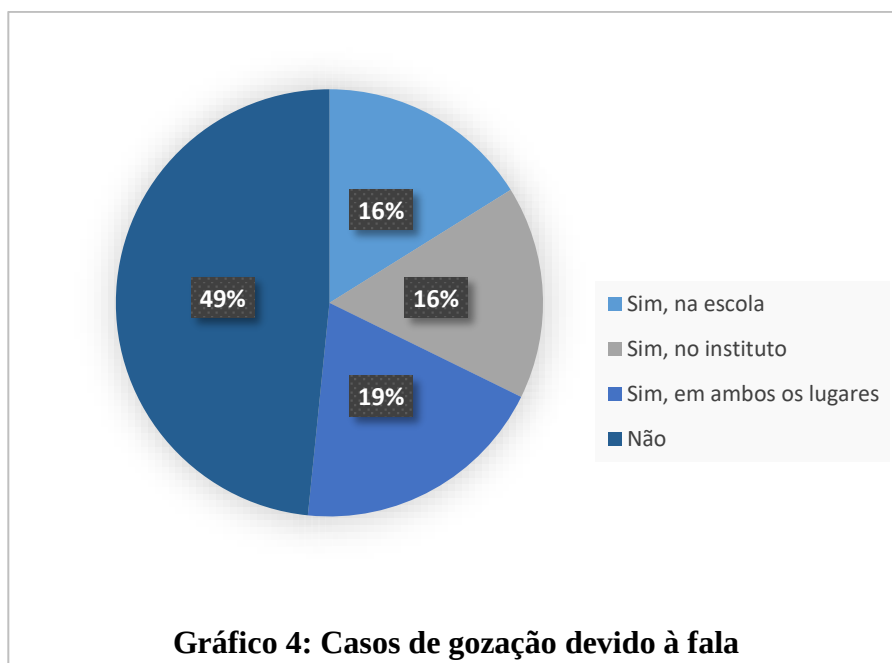
Geraram os gráficos 3 e 4 a seguir. Com essas perguntas quisemos levantar a existência de reações adversas e dificuldades causadas pela diferença nas características da fala que afirmaram, nas respostas anteriores, existir.



O gráfico 3 nos mostra que, quase 60% dos casos presenciados pelos participantes, as reações observadas foram negativas frente às diferenças de fala, mesmo sendo o português a língua falada. Esse é um dado que, muitas vezes, não nos parece tão comum uma vez que parece ser mais fácil perceber a discriminação que um indivíduo faz pela cor, pela ideologia ou pelo status social. Bagno (2013) traz uma reflexão sobre continuidade dessas atitudes:

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito—, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil [...] (BAGNO, 2013, p.16.)

As reações negativas que as pessoas têm frente ao diferente são as mesmas que geram atitudes de gozação e discriminação. O gráfico 4, a seguir, apresenta a relação de casos em que os participantes sofreram ou presenciaram algum tipo de gozação motivados pela incompreensão da variedade linguística. O que pode ser nomeado como “brincadeira”, partindo de risos baixos, pode chegar a sérias agressões físicas e verbais.



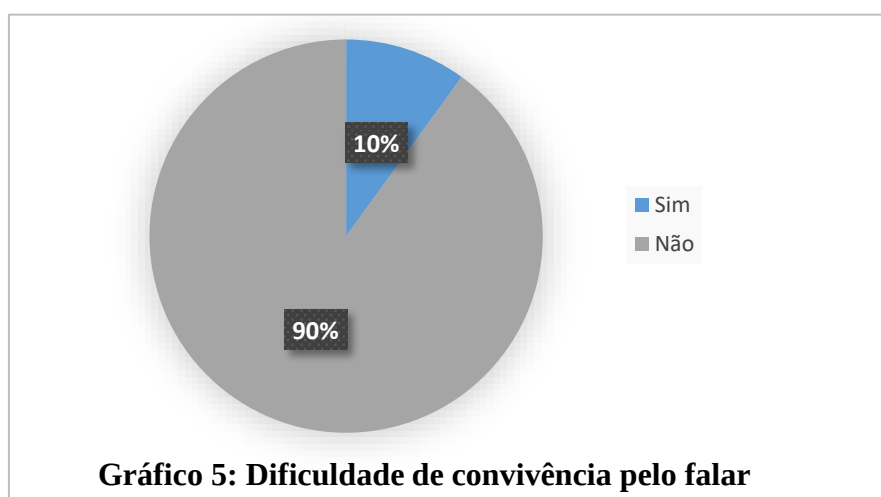
Os gráficos 5 e 6 mostram os resultados de perguntas pessoais, em que cada criança teria que olhar para seu próprio entendimento como ser social, que mantém relações com outros e consigo mesmo, para ser sinceras ao responder as perguntas de forma real.

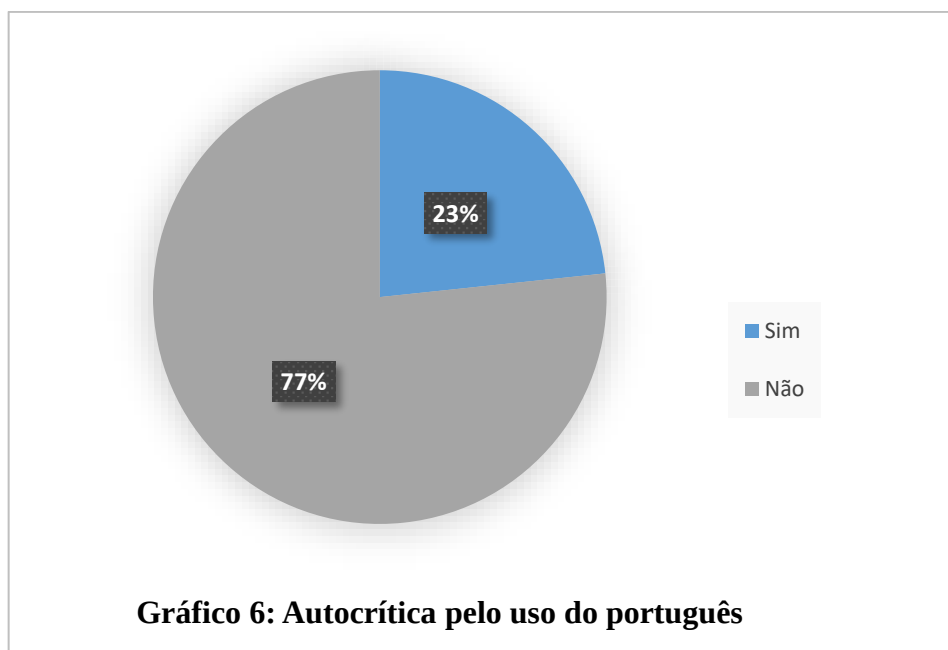
Foi perguntado:

5 - “Para você, falar diferente faz com que a convivência seja difícil ou gere mal estar?”

6 - “Você já falou alguma vez para alguém, ou para você mesmo, que não sabe português?”.

Para tais perguntas, obtivemos como resposta:





Os resultados apresentados nos gráficos relativos a essas duas perguntas nos afirmam, mais uma vez, a presença do preconceito linguístico. Os números podem parecer pequenos, mas 10% de alunos que se sentem incomodados e sentem dificuldades de conviver com outros indivíduos, somente por motivos linguísticos, somam dez crianças de cem. Um número preocupante, principalmente se falando de crianças entre as quais pressupomos que o convívio seja um processo mais fácil e adaptável. Se fizéssemos essa mesma pergunta para adultos, o resultado poderia ser mais assustador.

4.3 INTERVENÇÕES QUE DECORRERAM DA PESQUISA

Na tentativa de diminuir a prática do preconceito linguístico entre os alunos, foram propostas duas atividades. No primeiro momento da primeira atividade, eles tiveram contato com diversas expressões idiomáticas por meio de um vídeo cultural que contava sobre características de alguns estados brasileiros que usavam de variedades diferentes. Assim, viram e ouviram informações com vocabulário e sotaque nas variantes mineira, paulista, baiana e gaúcha.

No segundo momento dessa atividade, foi pedido para que relatassem expressões singulares que tinham visto no vídeo, isso em uma roda de conversa

direcionada. A cada questionamento levantado pelo professor, eles puderam discutir e expor suas opiniões.

Alguns se posicionaram dizendo que mesmo tendo algumas palavras diferentes, eles conseguiram compreender o que estava sendo transmitido pelo vídeo. Outros se interessaram e perguntaram como ficariam algumas expressões na variante que eles falavam, como “pandorga” que é a pipa, e “cacetinho” que é o pão de sal.

O auge dessa atividade, a primeira vitória contra o preconceito, aconteceu quando umas das participantes da roda afirmou que já não achava mais “o sotaque baiano horrível”.

Na segunda atividade foi proposta a leitura, discussão e interpretação de um texto que usava diversas variantes para representar a mesma situação.

No primeiro momento, cada um leu em silêncio o texto que recebeu. Depois foram questionados sobre suas impressões. Levantaram questões sobre vocabulário, e afirmaram conhecer alguns vocábulos de outras regiões. Mas, não referenciaram casos de sotaques ou marcas de fala.

No segundo momento, o professor fez a leitura do texto tentando caracterizar sua fala o mais próximo possível do sotaque de cada região que era exposta no texto, evidenciando as marcas no vocabulário, no ritmo e na expressão vocal.

Após essa leitura surgiram os primeiros comentários, como:

-“Esse sotaque é engraçado! ”

-“O baiano é mais pausado.”

-“O paulista fala rápido demais, sô”.

Nesses casos, já não notávamos o sentimento pejorativo na fala, apenas uma comparação da própria variante com as características que ainda achavam diferente das que costumavam usar.

No terceiro momento, os participantes foram convidados a escrever a própria opinião e relatos pessoais, se tivessem, de casos que vivenciaram com pessoas de outras regiões, com sotaques e expressões diferentes.

Os trechos abaixo são pequenas transcrições de textos que alguns participantes escreveram:

Participante1: “Eu acho esses sotaques muito legais, eu não tenho preconceito com nenhum deles.

Eu por exemplo, falo muito (oxe) porque eu vim de Pernambuco e lá o sotaque é muito diferente [...]"

Participante 2: "Eu acho esses sotaques lindos e diferentes [...] Eu convivo com pessoas de sotaques diferentes, por exemplo: minha melhor amiga é carioca e algumas vezes eu falo como ela nas puxadas dos (s) [...]"

Participante 3: "Eu achei interessante porque cada estado tem seu sotaque e isso é legal porque você aprende coisas novas, você acostuma depois de um tempo. [...]"

Participante 4: "Para mim, tem pessoas de várias regiões, não só do Brasil como no mundo inteiro, que *fala* de jeito diferente, do jeito que eu falo [...]. Já conheci e tenho familiares de outros estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo".

Participante 5: "Eu já falei paulista, mineiro. Eu acho muito interessante descobrir coisas novas, porque a gente fica sabendo de outras línguas. Tipo o gaúcho, ele fala totalmente diferente de nós, eles falam 'o gurí' [...]"

Esses novos relatos já mostram um novo jeito de olhar as variações. O ser diferente não gera mais comentários pejorativos, e sim o contrário, desperta o interesse por aquilo que eles não tinham tanto conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que ouçamos falar sobre variação linguística e seus desafios em trechos de algumas disciplinas e eventos esporádicos, não aprendemos a lidar com os desafios que essas variações podem ocasionar em sala de aula e na vida cotidiana.

Esse trabalho teve início antes mesmo de ter um aporte teórico ou uma revisão bibliográfica. Ele se iniciou frente a uma situação problema que não parecia ter solução. Todo o estudo foi dedicado a uma necessidade real de resolver um conflito causado por um mecanismo que usamos a todos os momentos, a língua, que sempre vai nos cercar, seja no meio falado ou no meio escrito.

No entanto, a prática de preconceito está tão socialmente enraizada quanto a própria língua que falamos. As pessoas nascem sujeitas a essa prática por serem parte de uma região que fala português, mas fala com seu léxico, com as características da variante regional e da sua cultura, ou seja, do seu povo.

Por meio das análises que fizemos, respondemos à pergunta central desse trabalho: “O Preconceito linguístico é um problema ocorrente na educação? ”. Definitivamente, a resposta é “sim”.

Mas, de nada adianta comprovar que um mal existe sem fazer nada para saná-lo. Com as atividades que realizamos no ambiente educacional escolhido, também comprovamos que é possível ajudar a reduzir essa prática. Não é possível em duas, nem em três conversas resolver todo o problema, mas já se consegue uma conscientização da existência e um início de autorreflexão que, depois, devem ser acompanhados de exercícios reflexivos constantes e cada vez mais profundos. E, quando menos se percebe, aquelas crianças já estão “formando” outras crianças e outros adultos com um respeito maior pelo próximo. Ou seja: se o preconceito é uma prática de poder multiplicador, a conscientização e a boa educação também o são.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3. ed., São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, Marcos. *Norma Linguística, Hibridismo e Tradução*. Revista Traduzires 1, 2012.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 55. ed., São Paulo: Loyola, 2013.

BAGNO, Marcos. RANGEL, Egon de Oliveira. *Tarefas da educação linguística no Brasil*. Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada, v. 5, n. 1, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/* Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERRAREZI Jr., Celso. *Qual é o problema das gramáticas normativas*. São Paulo: Artefato Cultural, 2012.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 4ª. edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

JUNQUEIRA, Máira Élidy Brito. SOUZA, Adriana Bastos. SILVA, Genilson Dias. SILVA, Luciene Ferreira da. ALMEIDA, Vanda Alves da Silva. *O Preconceito Linguístico na Mídia Televisiva*. Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012.

7. ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALFENAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Preconceito Linguístico: um problema ocorrente na educação?

Pesquisador: Celso Ferrarezi Junior

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65683717.4.0000.5142

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - UNIFAL-MG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.980.354

Apresentação do Projeto:

É um TCC do curso de Letras da UNIFAL-MG a ser desenvolvido por discente sob a orientação do pesquisador responsável. O projeto propõe uma investigação em um projeto social que atende crianças entre sete e doze anos, desenvolvido em Alfenas/MG, e busca compreender o que é o preconceito linguístico, se há ocorrências dessa prática e como se manifesta dentro de uma instituição de ensino de educação não-formal, que não exige obrigatoriedade de presença, que não tem disciplinas curriculares nem avaliações teóricas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALFENAS



Continuação do Parecer: 1.980.354

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A metodologia da pesquisa – trabalho de campo com aplicação de entrevista semi-estruturada para a coleta dos dados - está adequada aos objetivos do projeto. O referencial teórico da pesquisa – Semântica de Contextos e Cenários - está atualizado e é suficiente para aquilo que se propõe. O cronograma de execução da pesquisa é coerente com os objetivos propostos e está adequado ao tempo de tramitação do projeto.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo do projeto - que é verificar se a prática do preconceito linguístico acontece no ambiente de educação não-formal de um projeto social desenvolvido em Alfenas/MG que envolve crianças de sete a doze anos - está claro e bem definido, coerente com a propositura geral do proposta e exequível, considerando o tempo previsto, os recursos disponíveis e a metodologia proposta.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos de execução do projeto - considerados mínimos - estão bem descritos e avaliados, bem como as ações corretivas/minimizadoras na eventualidade de algum deles. Os possíveis benefícios também foram avaliados e adequadamente descritos, tanto no projeto quanto nos termos obrigatórios.

Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700				
Bairro: centro		CEP: 37.130-000		
UF: MG	Município: ALFENAS			
Telefone: (35)3299-1318	Fax: (35)3299-1318	E-mail: comite.etica@unifal-mg.edu.br		

Página 01 de 03

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – presente e adequado
- Termo de Assentimento (TA) – não se aplica
- Termo de Assentimento Esclarecido (TAE) – presente e adequado
- Termo de Compromisso para Utilização de Dados e Prontuários (TCUD) – não se aplica
- Termo de Anuência Institucional (TAI) – presente e adequado
- Folha de rosto - presente e adequada
- Projeto de pesquisa completo e detalhado - presente e adequado
- Outro (especificar) – não se aplica

Atenção: Modelos dos termos obrigatórios são encontrados em: <http://www.unifal-mg.edu.br/comiteep/node/17>

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se a aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado do CEP acata o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_879642.pdf	10/03/2017 10:51:05		Aceito
Outros	Questionario.pdf	10/03/2017	Celso Ferrarezi	Aceito

Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700				
Bairro: centro		CEP: 37.130-000		
UF: MG	Município: ALFENAS			
Telefone: (35)3299-1318	Fax: (35)3299-1318	E-mail: comite.etica@unifal-mg.edu.br		

Página 02 de 03

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALFENAS



Continuação do Parecer: 1.980.354

Outros	Questionario.pdf	10:50:24	Junior	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Anuencia_institucional.pdf	10/03/2017 10:49:30	Celso Ferrarezi Junior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Assentimento.pdf	10/03/2017 10:49:11	Celso Ferrarezi Junior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/03/2017 10:48:59	Celso Ferrarezi Junior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Gabrielle.pdf	10/03/2017 10:48:44	Celso Ferrarezi Junior	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Gabrielle.pdf	10/03/2017 10:48:28	Celso Ferrarezi Junior	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ALFENAS, 23 de Março de 2017

Assinado por:
Marcela Filié Haddad
(Coordenador)

Entrevista: Os diversos tipos de falares

Entrevistado _____

1. Você já percebeu que as pessoas falam de maneiras diferentes, usando palavras e sotaques diferentes para falar?

2. Poderia dar um exemplo desse falares diferentes?

3- Você acha que as pessoas aceitam as maneiras diferentes dos outros falarem, ou elas têm atitudes negativas sobre isso?

4. Você já viu alguma pessoa receber gozação ou humilhação porque falou diferente de outra pessoa?

5. Para você, falar diferente faz com que a convivência seja difícil e gere algum mal estar?

6. Você alguma vez já falou para alguém ou para você mesmo, que não sabe português? Em qual situação isso aconteceu?

Texto**REGIONALISMOS!**

ASSALTANTE BAIANO

Ô meu rei... (pausa)

Isso é um assalto... (longa pausa)

Levanta os braços,

mas não se avexe não..(outra pausa)

Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado ..

Vai passando a grana, bem devag ari nho

(pausa pra pausa)

Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado.

Não esquenta, meu irmãozinho, (pausa)

Vou deixar teus documentos na encruzilhada

ASSALTANTE MINEIRO

Ô sô, pretenção

issé um assarto, uai.

Levantus braço e fica ketin quié mió procê.

Esse trem na minha mão tá chein de bala...

Mió passá logo os trocados que eu num tô bão hoje.

Vai andando, uai ! Tá esperando o quê, sô?!

ASSALTANTE CARIOCA

Aí, perdeu, mermão
Seguiiiinnte, bicho
Tu te fu. Isso é um assalto .
Passa a grana e levanta os braços rapá .
Não fica de caô que eu te passo o cerol....
Vai andando e se olhar pra tras vira presunto

ASSALTANTE PAULISTA

Pôrra, meu ...
Isso é um assalto, meu
Alevanta os braços, meu .
Passa a grana logo, meu
Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pra
comprar o ingresso do jogo do Corintian, meu . Pô, se manda, meu

ASSALTANTE GAÚCHO

O gurí, ficas atento
Báh, isso é um assalto
Levanta os braços e te aquieta, tchê !
Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barb ari dade,
tchê...
Passa os pilas prá cá ! E te manda a la cria, senão o quarenta e quatro
fala.

ASSALTANTE DE BRASILIA

Querido povo brasileiro, estou aqui no horário nobre da TV para dizer que no final do mês, aumentaremos as seguintes tarifas: Energia, Água, Esgoto, Gás, Passagem de ônibus, Imposto de renda, Licenciamento de veículos, Seguro Obrigatório, Gasolina, Alcool, IPTU, IPVA, IPI, ICMS, PIS, COFINS...

Patrícia Rech